

INCTE 2019

IV Encontro Internacional de Formação na Docência
4th International Conference on Teacher Education

Livro de Atas Proceedings



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA Escola Superior de Educação

Bragança | 3 e 4 de maio | 2019

O perfil do professor à luz do perfil do aluno

Moderador

Carlos Teixeira
ccteixeira@ipb.pt

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Intervenientes

Joana Brocardo
joana.brocardo@ese.ips.pt

Instituto Politécnico de Setúbal, Portugal

Jorge Ramos do Ó
jorge.o@ie.ulisboa.pt

Universidade de Lisboa, Portugal

Susana Gómez Redondo
susana.gomezr@uva.es

Universidad de Valladolid, España

Temos, frequentemente, a impressão de que a contemporaneidade se encontra às portas de uma transformação exponencial de dimensão planetária e de natureza global, porque se manifestará em todos os domínios da vida humana. Tal perceção cria (tem criado) uma certa urgência na clarificação das competências necessárias para enfrentar esse futuro – afinal, sempre – incerto. De um modo geral, porém, a humanidade nunca foi muito competente a prever o futuro, além de, por vezes, pouco capaz de compreender o passado. Hoje, dominada por uma euforia (por vezes irrelevante) de constantes novidades, nem sequer parece muito interessada nisso.

De todas as formas, não pode deixar de nos inquietar o desafio de uma educação que não se limite a responder aos reptos da modernidade (reduzida a ser um interlocutor em *off* e que responde tardiamente), mas que se assume como o mais relevante agente da configuração do futuro. Quando nos preparávamos para a viragem do milénio, Delors (1996) afirmava que “à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele” (p. 89). Na verdade, as metáforas encerram riscos e podem sempre trair-nos. Estas de Delors, no (aparentemente) longínquo ano de 1996, parecem-nos hoje redutoras, na medida em que uma das questões de fundo é, seguramente, a da invenção/criação dos novos instrumentos que hão de desenhar os nossos novos mapas do mundo; pelo que fornecer os mapas e a bússola, mesmo metaforicamente falando,

parece anacrônico. No mesmo relatório, as aprendizagens fundamentais (é o termo do europeísta francês) da educação, ao longo da vida, estruturam-se a partir de quatro “pilares do conhecimento”, apresentados da seguinte forma: “aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes” (Delors, 1996, p. 90).

Num tempo em que o conhecimento se desmaterializa e em que claramente se compreende que importa passar da sociedade da informação à sociedade do conhecimento, cremos ser fundamental, na linha de Delors, recuperarmos um modelo socrático da educação, baseado no espírito reflexivo e na abertura ao outro. Depois de uma anunciada crise das Humanidades, trata-se de recuperar um perfil de base humanista – o regresso às Humanidades como charneira dos saberes. O *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Martins et al., 2017) assume claramente esta orientação. No Prefácio, Guilherme d’Oliveira Martins esclarece que este perfil de base humanista “significa a consideração de uma sociedade centrada na pessoa e na dignidade humana como valores fundamentais” (p. 6).

O INCTE deste ano organiza-se à volta do tema “Educar para a autonomia: desafios atuais na educação e na formação” e a Mesa Redonda, que temos o prazer de moderar, centra-se numa discussão em torno do Perfil do Professor à luz do Perfil do Aluno. A qualidade da mesa está, desde logo, assegurada pela relevância da obra e da ação educativas dos três participantes: Joana Brocardo, Jorge Ramos do Ó, Susana Gómez Redondo.

Pondo em diálogo estes experientes, sérios e comprometidos (no mais nobre sentido do termo) pensadores da educação, esta Mesa propõe-se debater três grandes tópicos. Parte de uma reflexão acerca das competências profissionais dos educadores e professores, problematizando a questão das aprendizagens essenciais. De seguida, procura o cruzamento entre a análise do(s) contexto(s) hodiernos e os perfis dos alunos e dos professores (em sentido amplo), refletindo acerca dos desafios que a escola enfrenta e (re)pensando os modelos educativos e os estilos de aprendizagem a renovar/implementar. Assim sendo, promove o debate acerca do *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (homologado pelo Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho), discorrendo sobre autonomia e flexibilidade curricular, sobre a educação inclusiva (Decreto-Lei n.º 54/2018) e sobre o *Referencial de Educação para o Desenvolvimento – Educação Pré-Escolar, Ensino Básico e Ensino Secundário*. Procurando assumir uma dimensão mais pragmática, debate proposta concretas a implementar nos vários âmbitos da formação de educadores e professores (inicial, período de indução, contínua/continuada). Em termos formais, pretende-se uma Mesa dinâmica. Neste sentido, além da interação conversacional entre os falantes, perspetiva-se a possibilidade de integrar a participação (a voz) do público.

Em *A pedagogia da autonomia*, Freire (2006) desenvolve vinte e quatro (3 X 8) tópicos que se iniciam com “Ensinar exige...”. A lista constitui, *per se*, prova da amplitude, da complexidade e da riqueza do ato de ensinar. É necessário enfrentar essa exigência, numa atitude séria de “reflexão crítica sobre a prática” (item 1.8). Todos sabemos que não é uma tarefa fácil; que este é mais um daqueles caminhos que (recordando o poeta Antonio Machado) só se faz caminhando; que, por isso, é necessário termos

“consciência do inacabamento” (item 2.1); que esse andar se renova com “alegria e esperança” (item 2.7). Trata-se de uma reflexão sobre a escola que enquadra a educação como um processo de constante aprendizagem (para todos, em todas as idades) e que se desenvolve na persecução do clássico valor da filomatia (*philomathia*). «É urgente o amor», cantava Eugénio de Andrade, no poema “Urgentemente”. É, pois, urgente o amor de aprender. Ensinar não é, de igual modo, uma tarefa anódina e exige, com resiliência, o nosso “comprometimento” (item 3.2). Ouvimos numa das conferências do INCTE (2017) o professor António Nóvoa discorrer sobre a necessidade de os docentes se disporem a uma nova vivência e (re)construção da sua profissionalidade. Diríamos, sem querer estar a percutir a corda do lirismo fácil, que ensinar exige amor (“querer bem”, diz o pedagogo brasileiro)... porque só se compromete quem verdadeiramente ama.

Referências

- Delors, J. et al. (1996). *Educação – Um tesouro por descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Lisboa: Edições ASA.
- Freire, P. (2006). *A pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Martins, G. (Coord.), Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., Alves, M. M., Horta, M. J., Calçada, M. T., Nery, R., & Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: ME/DGE.